

PESQUISA EM MÍDIA-EDUCAÇÃO (FÍSICA): DESAFIOS FORMATIVOS

DR. AUGUSTO CESAR RIOS LEIRO

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia/UFBA
Professor da Universidade do Estado da Bahia/UNEB
e da Universidade Federal da Bahia/UFBA

DR. SÉRGIO DORENSKI DANTAS RIBEIRO

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia/UFBA
Professor da Universidade Federal de Sergipe/UFS

Resumo | O texto em tela apresenta uma rica e relevante experiência acadêmica, desenvolvida na ambiência escolar que tematizou a mídia nas aulas de Educação Física. A perspectiva qualitativa e a pesquisa-formação constituíram-se nas referências teóricas substantivas. Observação participante, diário de campo e entrevistas semiestruturadas com jovens de uma escola pública, no interior de Sergipe, foram os procedimentos metodológicos. O período de março de 2012 a março de 2013 constituiu-se no tempo dedicado à produção midiática dos/com os sujeitos de diálogo. A experiência investigativa, notadamente a criação de um jornal e de vídeos, proporcionou aos voluntários da pesquisa uma tomada de consciência acerca da possibilidade de protagonizar o fazer midiático, bem como uma reflexão esclarecida e autônoma sobre o entrecruzamento de educação e mídia.

Palavras-chave | Mídia-Educação. Formação. Educação Física.

INTRODUÇÃO

Este estudo¹ ratifica a importância de se tematizar o binômio *mídia e educação física*, na formação de estudantes da educação básica. Vivemos

1. Esta pesquisa foi apresentada parcialmente no VII Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte, em Matinhos/PR, em 2014.

tempos históricos e diferenciados, no tocante ao avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), notadamente pela velocidade e simultaneidade de circulação da informação midiática, em escala global, implicando em mudanças na relação de espaço e tempo.

As múltiplas funções que as TICs incorporam – capturam imagens, editam, publicam, em tempo real, para todos os lugares, ao mesmo tempo, via redes sociais e aplicativos (celulares) – potencializam extraordinariamente seu fazer no século que se inicia. A questão posta é refletir até que ponto tais mudanças estão afetando a formação dos sujeitos na sociedade e, em especial, no ambiente escolar, e que experiências podemos pedagogicamente desenvolver.

Percebemos que essas mudanças, no campo das TICs têm provocado perspectivas e possibilidades significativas no processo formativo das juventudes. Isto significa que os jovens estão imersos numa plataforma multifacetada em que as tecnologias têm um papel substantivo. Contraditoriamente, percebemos, ainda, que, mesmo encharcados de comunicação, ainda são poucos os estudos que se ocupam da relação entre mídia e tecnologias, como um desafio formativo comprometido com a autonomia e a emancipação.

Neste sentido, o objetivo deste texto é apresentar parte de uma experiência em Educação-Mídia,² que foi desenvolvida com alunos de uma escola pública, no interior do Estado de Sergipe. Nesta experiência, colocamos em xeque o poder conservador advindo dos meios de comunicação, o que instigou uma perspectiva em que o sujeito histórico e o conhecimento apreendido estivessem imbricados à formação humana.

É possível encontrarmos, no ambiente escolar, uma sala de informática com computadores, equipamentos de filmagem e fotografia, dentre outros. No entanto, ainda são diminutos os Projetos Político Pedagógicos

2. A primazia da Educação no binômio em pauta decorre do interesse de eleger a dimensão educativa como porta de entrada do debate sobre mídia-educação. No entanto, o campo conceitual (mídia-educação) é o mesmo, dito por Fantin (2006), (RIVOLTELLA, 2012) e outros pensadores da área.

que efetivem o professor (Educação Física) como co-partícipe das aventuras tecnológicas da e na escola.

Desse modo, a experiência em tela apresenta um ensaio metodológico, vivido no campo empírico de uma investigação, e que elegeu a formação como categoria de grande relevo do processo de autonomia/esclarecimento, mesmo com os limites e lacunas observados na produção de sentido desenvolvida na pesquisa.

PESQUISA-FORMAÇÃO E REFLEXÃO CRÍTICA

O campo de pesquisa foi um espaço de aproximação entre sujeitos e pesquisadores pelo qual foram valorizadas as experiências dos sujeitos, para que pudéssemos descrevê-las e interpretá-las (observar, registrar, analisar), de modo denso.³ Isso garantiu a essência qualitativa da pesquisa, tendo em vista a complexidade do objeto (social). Neste aspecto, valorizamos as construções humanas, a partir de abordagens capazes de ler seus significados sociais, sua história e valores culturais.

A cumplicidade – na relação indissociável entre sujeito e objeto – com o campo de pesquisa foi fundamental, para compreendermos os valores culturais, as representações de determinado grupo, bem como as relações que se dão entre os sujeitos sociais, tanto no âmbito da instituição escolar quanto fora dela.

Compreendemos que o exercício da formação/autonomia, na história da humanidade, constitui-se numa luta interminável, para que não seja tolhida a esperança. Com isso, estabelecemos possibilidades e oportunidades para a construção do conhecimento, numa relação processual de formação, em que todos estiveram imersos na construção. Foi assim que organizamos o trabalho pedagógico, numa perspectiva dialógica, proporcionando o aprendizado de conteúdos e a tomada de consciência (FREIRE, 1978).

3. A partir do pensamento de Clifford Geertz (1989).

A formação é um objeto movente, uma potência experiencial apreendida e entendida em seus processos, dinâmicas e contradições, e que vislumbra uma educação pelo contato, pelas relações e o fazer reflexivo (DOMINICÉ apud MACEDO, 2010). Aí está o cerne da *pesquisa-formação*, ou seja, o envolvimento é o da aprendizagem em que todos participam do processo.

A formação não é uma ação simples, [...] não é um método, não é uma técnica, não é um processo de maturação, não pode ser confundida simplesmente com educação, nem com ensino ou aprendizagem, [...] formação, não sendo uma propriedade privada da pedagogia, ou é experiencial ou então não é formação. (JOSSO apud MACEDO 2011, p. 109)

Observamos que a participação coletiva e a implicação no processo foram essenciais para que se consolidasse a pesquisa-formação. Foi necessário, ainda, o envolvimento multidimensional, na experiência que consolidou a cumplicidade do(s) pesquisador(es), que compreendeu(ram) constituir parte importante da formação dos outros e de si mesmo(s).

IMERSÃO NO CAMPO DE PESQUISA: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO

Nossa experiência tematizou a educação-mídia, na perspectiva da pesquisa-formação e relata caminhos teórico-metodológicos que envolvem o Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB),⁴ na cidade de Itabaiana, no Estado de Sergipe. Historicamente, o CEMB marca a política educacional da região, garantindo a formação dos jovens. É a maior escola pública da cidade, com mais de 1.800 (mil e oitocentos) alunos, além de uma estrutura que inclui laboratório, sala de informática, quadra poliesportiva, ginásio de esportes, biblioteca etc.

A aproximação com os sujeitos iniciou-se com a turma “A” do 9º ano, turno vespertino, composta por 29 alunos, durante as aulas de Educação Física. A captura dos dados contou com três procedimentos: o uso de

4. Trata-se de uma homenagem ao advogado, político, professor e educador de renome nacional, “Murilo Braga do MEC”, como era conhecido e que foi Diretor do Inep – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

questionário (no início do processo); o Diário de Campo (DC), em que eram registrados os relatos das rodas de conversa, após a apresentação de filmes e da produção midiática (jornal impresso e vídeos – realizados pelos alunos) e das aulas de Educação Física em si; por fim, as entrevistas (semiestruturadas), realizadas após o período de intervenção. Estes procedimentos – indissociáveis entre si – capturaram a realidade empírica.

A partir deste contexto, entendemos o processo metodológico como um canal de aproximação para/com as juventudes e, assim, compreendemos os participantes da pesquisa – como sujeitos de diálogo⁵ – a partir de um olhar sociologicamente livre, no qual “a realidade social se insinua, conjectura, indicia” (PAIS, 2002, p. 34). Isto pode ser evidenciado na participação ativa desses sujeitos, ao longo da unidade temática, em que a mídia foi o assunto das aulas de Educação Física.

As primeiras informações resultaram de seis questões (sexo; idade; tem acesso a algum meio de comunicação; o que significa mídia; de que maneira se comunica com as pessoas; como fica sabendo das notícias), cujo objetivo era diagnosticar a realidade da turma, no tocante à utilização e ao acesso aos meios. Revelou-se, de imediato, para a pesquisa, uma oscilação entre as idades dos alunos (entre 13 e 18 anos). Apesar dessa diferença de idade, pois o planejamento⁶ elaborado para as aulas de Educação Física suscitou uma sistematização adequada à faixa etária, no decorrer do processo, houve uma interação entre os alunos, professores, principalmente, na construção e produção da mídia.

Outro aspecto revelador – em relação ao questionário inicial – foi o entendimento dos alunos acerca da mídia. Apesar de estarem imersos no universo das TICs (seja com seus celulares, em rede social etc.) não reconheciam o sentido da palavra. Além deste aspecto, eles não se

5. De acordo com Elsa Lechner (ver mais em LEIRO, 2004).

6. O Planejamento anual fora elaborado em conjunto com o Professor de Educação Física da Escola e seguiu a linha, já existente nesta realidade, em que, para esta série, evidenciava-se o processo de iniciação e pedagogização do esporte. Paralelamente, introduzíamos a discussão da mídia, bem como o uso de equipamentos (câmeras), que foram sendo apreciados e experimentados pelos alunos.

reconheciam na produção midiática, ou seja, não sabiam que estavam produzindo mídia, quando produziam textos escritos, fotografias e vídeos, dentre outros produtos com a finalidade de difusão.

Talvez estejamos diante de sentimentos que expressem realmente o que estes estudantes consideram ser mídia, pois, no plano do poder simbólico, as formas simbólicas alteram o modo como as pessoas observam os fenômenos, os acontecimentos. Pois, quando a mídia potencializa seus produtos e os deixa disponíveis a uma pluralidade de receptores (THOMPSON, 1998), aquele bem simbólico – que foi economicamente mercadorizado – pode ser interpretado de diferentes maneiras. Assim, podemos pensar que algumas respostas sobre o que era mídia, como: “coisas bem interessantes” – podem estar situadas num plano de admiração/contemplação, até porque se trata de uma infinidade de produtos circulando todos os dias, horas, minutos, segundos; “pessoas que trabalha [sic] no meio artístico [...]” – ou podem se relacionar àquela mensagem advinda dos diversos produtos, como as novelas, os filmes, os programas de auditório, os telejornais, dentre tantos outros, que esboçam o poder da Indústria Cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Em contrapartida, percebemos respostas com um grau mais aprofundado de entendimento da mídia, (É o conjunto de meios de comunicação que envolve jornais, TV, revistas, internet... etc.; Mídia significa algo que [...] nos interage com alguém, como por exemplo, celulares, internet, televisões, rádios, etc.), portanto, a turma, a princípio, apresentava um quadro heterogêneo com relação a formular um conceito de mídia e, neste aspecto, precisaríamos tocá-los, provocá-los para que iniciássemos o processo. Assim, apresentamos nossa proposta aos alunos.

Dissemos que neste ano, iríamos falar um pouco de Educação Física, de Esporte, da Mídia e vivenciar tudo isto em nossas práticas. Assim, explicamos a eles que as aulas seriam em vários locais, como a quadra, sala de aula, a sala de vídeo, sala de informática, entre outros e que eles fariam parte do processo, sendo os atores principais desta construção. (DC, em 01/03/2012)

A partir deste entendimento, criamos estratégias de aproximação com os sujeitos e a temática mídia, a exemplo da exibição de filmes, como

o desenho animado dos *Simpsons*⁷ o episódio “Tarado Homer”, que esboça o poder da mídia na espetacularização da notícia.

Neste sentido, demos o pontapé inicial, inserindo o papel da mídia, seu significado, sua força (poder), no cotidiano das pessoas, e de como ela está em toda parte; refletimos sobre a possibilidade de construirmos nossos próprios conteúdos midiáticos e, assim, os alunos começaram sua aventura de produção da mídia, que foi materializada na realização de dois vídeos e de um jornal impresso (cinco números construídos). Destacamos que um grupo especial⁸ ficou responsável pela produção do vídeo, edição e também pela criação do jornal. Este grupo foi denominado de *Matrix*, nome que também foi dado ao jornal.⁹

Tendo em vista a relação hegemônica do esporte na sociedade moderna e sua deixa simbólica (THOMPSON, 1998), ou melhor, o fetiche provocado pelo espetáculo esportivo, provocamos os alunos a observá-lo sob as diversas lentes da mídia. Ou seja, em um primeiro momento, os alunos, divididos em grupos, traziam informações/notícias/reportagens sobre o esporte, oriundas dos mais diversos canais midiáticos (jornal impresso, televisão, rádio, revista esportiva, livro, internet). Após esta fase, eles discutiam entre si o teor da matéria, depois apresentavam aos demais grupos e ouviam a opinião dos outros sobre a sua matéria, de

7. 6ª Temporada. Episódio 9 – Tarado Homer – Disponível em: <<http://www.blogsimpsonsbr.com/2012/06/os-simpsons-o-filme-download.html>>. A sexta temporada de *The Simpsons*, foi exibida entre 4 de setembro de 1994 e 21 de maio de 1995.

8. O surgimento deste grupo no universo da turma deu-se de forma espontânea. No início, eles ficaram com a responsabilidade de organizar as atividades de filmagem, selecionar as matérias para compor o jornal, fazer revisão gramatical e propor outras construções. Com isso, foi se consolidando em um grupo de trabalho que, pela ideia de ser uma célula criadora, do lugar onde se gera e cria, elegeram denominar-se *Matrix*, isto por que um dos integrantes havia assistido ao filme – de mesmo nome – e propôs adotá-lo. O grupo era composto por 6 (seis) alunos, sendo 2 (dois) do sexo masculino e 4 (quatro) do feminino.

9. Os alunos produziram três edições, em 2012, e duas em 2013. O processo de análise crítica, utilização e produção da mídia, nesta experiência, coaduna-se com a perspectiva de mídia-educação, em sua relação com a *formação* (alunos, professores, pesquisadores). Aqui fizemos referência a Fantin (2006); Macedo, (2010); Freire (1978; 2011), dentre outros.

modo que todos estabelecessem um ponto de vista. Por fim, realizávamos uma grande roda, na qual se discutiam os pontos conflitantes, bem como o interesse da mídia em determinados assuntos. Essa estratégia visou estabelecer uma crítica em relação a este bem cultural do movimento humano (esporte) e, com isso, o processo de reflexão crítica decorrente substanciou as primeiras matérias para a criação de um jornal impresso, pelos próprios alunos.

A produção desse jornal suscitou a reflexão crítica, no sentido de criar um senso de responsabilidade, ao expor as matérias e opiniões nesta mídia, pois algumas dessas matérias eram de autoria (artigos de livros, textos de sites da internet e reportagens de jornais e revistas). Neste aspecto, foi fundamental a roda de conversa com os alunos, responsáveis pela editoração, para uma tomada de consciência sobre o respeito aos direitos autorais de outrem e, principalmente, para que eles expusessem suas ideias, em diálogo com os autores, e não, que simplesmente as copiassem. Portanto, o processo formativo foi se consolidando não só na compreensão do que vinha a ser mídia, mas, sobretudo, nas relações que estavam imbricadas a ler, escrever, produzir (compreendendo) a mídia.

A experiência com os equipamentos midiáticos (câmeras de filmar e fotografar) também provocou uma mudança de olhar e instigou os alunos a produzirem sua própria mídia. A princípio, esta iniciativa ficou sob a responsabilidade do Grupo *Matrix*, que ia se apropriando dos equipamentos e compartilhando o aprendizado com os outros alunos da turma. Com esta estratégia, envolvemos o grupo numa perspectiva de multiplicadores (FREIRE, 1978).

No processo de descoberta dos equipamentos e do aprendizado da captura de imagens, os alunos se questionaram sobre o que filmar. Isto gerou um fato importante para nossas reflexões e discussões, na roda de conversa, o que levou à compreensão do que seria um **roteiro** (grifo nosso) de filmagem. Com isto, os alunos elaboraram seu primeiro roteiro, a partir da própria aula de Educação Física, assim delineado: [...] *Pegar a quadra vazia; depois os alunos entrando; a aula em si e por fim, depoimentos de professores. Ficamos contentes com a construção e, assim, eles partiram para suas capturas* (DC em 26/07/2012).

A tomada de consciência, ao lidar com os equipamentos, descobrir seus segredos, elaborar roteiro – que implicou a forma como eles observavam o seu entorno e como queriam que os outros observassem – deu autonomia ao Grupo, para caminhar sozinho e gerar outras produções, como a construção de um segundo roteiro, que apontava para as contradições da própria realidade escolar, no tocante ao espaço físico do Colégio:

O Espaço do CEMB – **Roteiro:** Filmar a entrada do Colégio; Falar sobre o Colégio Estadual Murilo Braga; Filmar as salas, corredores, professores, banheiros, biblioteca, sala de professores, sala de computação; refeitório; o Miltão (ginásio poliesportivo do CEMB); meios de entrada; cada um fala um pouco sobre o assunto; entrevistar a mulher da biblioteca, entrevistar o Presidente do Grêmio, entrevistar o Diretor [...]. Terminar com o professor [...] dando entrevista sobre o que achou da filmagem [...]. (DC em 09/08/2012).

Este processo, que culminou na criação de vídeos, não só germinou uma produção midiática, mas, sobretudo, o princípio formativo esteve em evidência. Os alunos envolveram-se na construção, elaboraram (criativamente) um roteiro, discutiram e repensaram suas produções, olharam para a Educação Física e também para a própria realidade escolar, em uma perspectiva crítica; apreenderam a realidade com a sutileza de redefinir o olhar com o segredo da *decupagem*¹⁰ e da edição; e, por fim, protagonizaram este enredo, com a apresentação dos vídeos aos demais alunos da turma, que ficaram surpresos com o que viram.

Quando estabelecemos relações formativas na cumplicidade com o campo de pesquisa e com os atores sociais, o processo se completa e flui em dimensões diversas e possíveis. Estas dimensões estão num plano formativo, cada uma compondo o todo, e a formação acontece com a experiência do sujeito em suas relações com os outros e consigo mesmo.

10. Significa, originalmente, o ato de recortar ou cortar dando forma. Na indústria, indica um processo de fabricação de peças metálicas por recorte de superfície. Nas artes decorativas, um sistema de colagem de papel e papelão sobre objetos. Em cinema e audiovisual, **decupagem** é o planejamento da filmagem, a divisão de uma cena em planos e a previsão de como estes planos vão se ligar uns aos outros através de cortes. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Decupagem>>. Acesso em: 22 maio de 2015.

TENSÕES FINAIS

Sabemos que os estudantes chegam carregados de informações e aprendizados que, muitas vezes, não são tematizados no ambiente escolar. A cultura midiática aumenta este arcabouço, a uma velocidade nunca antes vista na sociedade. No entanto, ainda são tímidas as experiências que intentam diminuir radicalmente o distanciamento entre a realidade dos estudantes e os conhecimentos desenvolvidos em sala e quadra de aula. Por esta razão, procuramos fazer/acontecer uma experiência, com densidade formativa, entusiasmo e vontade de aprender (SIBILIA, 2012). Para além de uma retórica discursiva, a aventura investigativa garantiu a fala, a expressão, o gesto e a vontade coletiva de dizer. A reflexão crítica, exercitada durante a nossa imersão no campo, promoveu mudanças significativas entre todos nós (pesquisadores/professores/estudantes), na medida em que o entendimento sobre autonomia se deu em uma atividade autônoma e a possibilidade de mudanças sociais foram exercitadas, apanhando o princípio movente da emancipação.

Esta pesquisa demonstrou que as interações, que envolvem a Mídia/TICs, a Escola e a Educação Física, foram edificadas como partes fundantes do modo crítico e esclarecedor da formação dos sujeitos envolvidos.

Ao editarem vídeos, lerem e interpretarem as notícias da mídia e produzirem o Jornal, as juventudes partícipes da experiência deslocaram-se da arquibancada, na qual eram meros espectadores, para a condição de produtores de notícias e protagonistas da história. Não foi somente um ato contínuo de “como fazer”, mas um processo de reflexão crítica, de “poder fazer”. Assim, ao refletirem sobre como filmar; sobre o que filmar; sobre como elaborar um roteiro; sobre como realizar uma *decupagem* para a edição; como inserir música, sons entre outros processos tecnológicos, eles construíram competência técnica, no trato com as diferentes linguagens midiáticas, e novas sínteses ideológicas capazes de iniciar um modo de ver, para além do que de mostra.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FANTIN, M. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-41.
- LEIRO, Augusto Cesar Rios. **Educação e mídia esportiva: representações sociais das juventudes**. 2004. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo formação em ato? – Para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação**. Ilhéus: Editus, 2011.
- PAIS, Machado José. **Sociologia da vida quotidiana: teorias, métodos e estudos de caso**. Portugal: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. Retrospectivas e tendências da pesquisa em mídia-educação no contexto internacional. In: FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Indicações de Leitura

RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas. **Educação e mídia**: formação do sujeito em espaço-tempo de educação física. 2013. 389 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

LEIRO, Augusto Cesar Rios. Formação docente e educação básica: currículo e arranjo de pesquisas. In LEIRO, Augusto Cesar Rios & SOUZA, Elizeu Clementino (orgs). **Educação Básica e trabalho Docente**. Políticas e práticas de formação. Salvador: Edufba, 2012.

Recebido: 15 dezembro 2014

Aprovado: 28 abril 2015

Endereço para correspondência:

**Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro
Rua Antônio Higino dos Santos, 984**

Centro

Itabaiana – SE

CEP: 49500-000

dorenski@gmail.com